

## CONTATO LINGUÍSTICO E INFLUÊNCIAS DE LÍNGUAS ORAIS NA LIBRAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO LÉXICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

### LANGUAGE CONTACT AND INFLUENCES OF SPOKEN LANGUAGES IN LIBRAS: AN ANALYSIS BASED ON BRAZILIAN SIGN LANGUAGE LEXICON

Diego Barbosa da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A Libras, principal língua sinalizada no Brasil, compartilha o mesmo espaço geográfico com o português brasileiro e mantém com ele, ao longo da história, vasta interação sociolinguística. O objetivo desta pesquisa é investigar a influência da Língua Portuguesa e outras línguas orais nos sinais da Libras a partir da análise da origem do léxico na Língua Brasileira de Sinais, utilizando como *corpus* as 4.607 entradas do primeiro volume do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil, de Capovilla *et alii* (2017). Após identificar quatro categorias lexicais quanto à origem: com iconicidade; aparentemente arbitrários; empréstimos de línguas orais; e dêiticos e de apontamento; debruçamo-nos nos empréstimos que poderiam ser subdivididos em datilológicos, inicializados e semânticos. Concluímos que na Libras a maioria dos sinais é de base icônica, 61%, e que apenas uma minoria, de aproximadamente 13% tem influência da Língua Portuguesa, esses últimos adaptados fonologicamente e morfológicamente de uma língua oral-auditiva para uma língua visuoespacial.

**Palavras-chave:** Lexicologia; Empréstimo linguístico; Libras; Português.

**Abstract:** Brazilian Sign Language (Libras), which is the main signed language in Brazil, shares the same geographic space with Brazilian Portuguese and has maintained with it a vast sociolinguistic interaction throughout history. The objective of this paper is to investigate the influence of Portuguese and other spoken languages in signs of Libras. For this, we analyzed the origin of the Libras lexicon, using as *corpus* 4,607 entries of the first volume of the *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil*, by Capovilla *et alii* (2017). We identified four lexical categories regarding origin: iconic; apparently arbitrary; spoken-language borrowing; deictic and pointing; and then we focused on the language borrowings, which that were subdivided into lexicalized fingerspelling; initialized signs; and semantic signs. We concluded that most signs are iconic in Libras (61%) and that only a minority, approximately 13%, is influenced by the Portuguese language, all of them phonologically and morphologically adapted from a spoken language to a sign language.

**Keywords:** Lexicology; Language borrowing; Libras; Portuguese.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos de Linguagem (UFF); Mestre em Letras/Linguística (UERJ); Especialista em Língua Brasileira de Sinais (Uniasselvi) e em Relações Internacionais (PUC-Rio); Graduado em Ciências Sociais (UERJ). Arquivo Nacional (AN). <https://orcid.org/0000-0002-0838-1106>. E-mail: [vsjd@uol.com.br](mailto:vsjd@uol.com.br).

## Introdução

Diversas línguas estiveram em contato ao longo da história, seja por causa de interações comerciais entre diferentes povos, conflitos, migrações, dominação, colonialismo, globalização ou influência cultural. Tais contatos, sob aspecto linguístico, trouxeram consequências variadas que vão desde o enriquecimento lexical por meio de empréstimos, passando pelo surgimento de pidgins e línguas crioulas, até o desaparecimento de milhares de línguas de povos dominados e exterminados. Com as línguas de sinais não foi diferente. Durante a história, podemos observar interrelações de línguas orais e línguas de sinais nos seus desenvolvimentos. No caso da Libras, “língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira dos centros urbanos” (MACHADO; QUADROS, 2020, p. 176), são amplamente reconhecidas as influências que recebeu da língua de sinais francesa (LFS), da língua de sinais americana (ASL) e da Língua Portuguesa (CAMPELLO, 2011; DINIZ, 2011; RODRIGUES; BAALBAKI, 2014; MACHADO; QUADROS, 2020; MARQUES; CANTARELLI, 2020).

A influência da primeira sobre a Libras é reconhecida desde a fundação do Instituto Imperial de Surdos Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), pelo professor francês E. Huet, no século XIX; a da segunda, pela atração que a Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos, enquanto centro de desenvolvimento de estudos culturais e linguísticos Surdos, exerceu nas comunidades Surdas de todo o mundo, sobretudo, após a segunda metade do século XX; e a da terceira por causa da interação entre a(s) cultura(s) Surda(s) e ouvinte(s) brasileira(s) que compartilham o mesmo espaço geográfico, cuja convivência foi marcada por décadas de imposição da ideologia ouvintista<sup>2</sup> até o século XXI, quando se disseminam pelo país experiências bilíngues na educação de Surdos, com o português na modalidade escrita.

Todos esses encontros e confrontos entre essas línguas e a Libras ocorreram no mesmo momento em que o povo Surdo brasileiro, disperso em um imenso país e sem as tecnologias de hoje, organizava a resistência<sup>3</sup> e a luta por direitos, garantindo a vitalidade da Libras ao longo dos anos.

Desse modo, podemos concluir que o contato é um fenômeno essencial das línguas. Mas qual a influência de uma língua oral sobre uma língua de sinais? Como sabemos, a Língua Portuguesa no Brasil exerce certa dominação sobre a Libras, seja pelo fato de esta última ser uma língua minoritária com sinalizantes dispersos por um imenso território majoritariamente falante de português, seja por ser ela constantemente minorizada. Para Souza (sem data),

a diferença em termos discursivos entre minoritária e minorizada reside no fato de que forjar uma denominação em termos numéricos – mesmo que isso não corresponda à realidade de todas as populações - é encobrir o descaso do Estado com relação ao reconhecimento de línguas e povos. “Minorizadas” denuncia a exclusão social e política e denuncia como se planificam as políticas linguísticas.

Entender a Libras como uma língua minorizada no Brasil, desse modo, significa denunciar a sua situação sócio-política desigual perante o português. Enquanto essa última assume espaços públicos de poder distintos, prevalecendo na política, nas escolas, na TV, a Libras é restringida à esfera familiar ou à(s) Comunidade(s) Surda(s) brasileira(s), apesar de diversos avanços políticos desde 2002.

---

<sup>2</sup> Durante décadas, a imposição da ideologia ouvintista esteve baseada na surdez como deficiência que deveria ser corrigida e eliminada. Tal ideologia proibiu a utilização das línguas de sinais a favor do oralismo, isto é, a favor da imposição do português na modalidade oral para os Surdos brasileiros. Ver trabalhos de Sacks (2010) e de Brito (2021).

<sup>3</sup> Cabe mencionar que essa resistência e a luta da(s) Comunidade(s) Surda(s) não cessou com o reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão da Comunidade Surda do Brasil (Lei nº 10.436/2002). Pelo contrário, essa luta intensificou-se na busca de outros normativos como a recente inclusão da educação bilíngue para Surdos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) por meio da Lei nº 14.191/2021, e na busca de outras conquistas como a implantação, de fato, de uma educação bilíngue para Surdos e ouvintes em todo o país.

Nessa relação desigual entre as duas línguas, seria previsível imaginar que o português enquanto língua majoritária e dominante no Brasil exerce expressivo domínio sobre a Libras, inclusive sobre o seu léxico. Nosso objetivo com este trabalho é analisar o impacto dessa influência do português brasileiro nos sinais, no léxico da Libras e refletir como a Língua Portuguesa influencia a formação de vocábulos em Libras.

E ao estudar o contato entre uma língua oral e uma língua de sinais, buscamos novamente demonstrar que é falso o mito de que a Libras seria uma versão gestual ou soletração manual do português, como já foi rejeitado por Quadros e Karnopp (2004, p. 31-33) e Gesser (2009), e conseqüentemente, confirmar o que ocorre com outras línguas, que o empréstimo linguístico constitui algo secundário na formação do léxico (SANDMANN apud RODRIGUES; BAALBAKI, 2014, p. 1097). Nossa pesquisa, portanto, se volta sobre o estudo do léxico, tal como definido por Basílio (2019 [2004], p. 7) levantando as características e propriedades dos sinais, sobretudo daquele possivelmente influenciado por línguas orais.

Pesquisando sobre os tipos de léxico da Libras já estudados, encontramos os trabalhos de Ferreira (2010 [1995]), Quadros e Karnopp (2004) e Faria-Nascimento (2009), alguns voltados para o estudo de empréstimos linguísticos, outros para o objetivo de se pensar os tipos lexicais da Libras de forma mais geral.

Ferreira (2010 [1995], p. 21-24), por exemplo, debruça-se sobre os empréstimos linguísticos na Libras, categorizando-os em cinco tipos: a) empréstimos lexicais; b) inicialização; c) empréstimos de itens lexicais de outras línguas de sinais; d) empréstimos de domínio semântico e e) empréstimos de ordem fonética. Os empréstimos lexicais seriam aqueles sinais representados por datilologia ou soletração digital “para traduzir nome próprios ou palavras sem equivalentes prontos em Libras para explicar o significado de um sinal a um ouvinte”. De acordo com a autora, essa categoria também englobaria um dos sinais para AZUL<sup>4</sup>, que conteriam resquícios desse empréstimo. Os empréstimos por inicialização seriam aqueles em que se utiliza uma configuração de mão que “corresponde, no alfabeto manual, à primeira letra da palavra equivalente em português”. Quanto aos empréstimos de outras línguas de sinais, Ferreira (2010 [1995]) apenas os menciona como uma possibilidade. Já os empréstimos de domínio semântico e os de ordem fonética são aqueles construídos, respectivamente, levando em consideração os sentidos das palavras em português ou a representação visual do som do português.

Quadros e Karnopp, por sua vez, citando González (apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p; 32) apontam que os léxicos podem ser motivados (icônicos e dêuticos), intermediários e arbitrários; e mais adiante também os categorizam conforme proposta de Brentari e Padden (apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p; 88) como léxico nativo e léxico não nativo. Enquanto o primeiro se constituiria no núcleo do conjunto de sinais de Libras, como por exemplo, os classificadores; o segundo grupo estaria na periferia do sistema, tendo como exemplos, palavras em português soletradas manualmente.

Já Faria-Nascimento (2009) reconhece a existência de sinais motivados (icônicos) e arbitrários em Libras, contudo, dedica-se mais ao estudo dos empréstimos, apresentando uma categorização um pouco distinta, formada por sete tipos: a) empréstimos por transliteração pragmática (datilológicos); b) empréstimos por transliteração lexicalizada (semi-datilológicos); c) empréstimos por transliteração da letra inicial; d) empréstimos da ‘configuração’ visual dos lábios; e) empréstimos semânticos; f) empréstimos estereotipados e g) empréstimos cruzados.

As duas primeiras categorias seriam aquelas em que ocorreria a datilologia ou a semi-datilologia, essa última, quando há a ocorrência de soletração rítmica, ou seja, quando o sinal está na “fronteira entre a datilologia e o novo sinal” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 65), como um dos sinais para

---

<sup>4</sup> Por causa do restrito espaço para este artigo e para diferenciar possíveis variantes regionais ou mesmo locais, reproduzimos em notas, entre colchetes, a descrição do sinal, conforme apresentado no dicionário de Capovilla et alii (2017) ou elaborado por nós. Descrição do sinal: [Mão em A, palma para frente, descrever a letra Z e mudar para a mão em L, de forma rítmica] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 337).

ALHO<sup>5</sup>. Os empréstimos por transliteração da letra inicial são aqueles que Ferreira (2010 [1995]) classificou como de inicialização. Por outro lado, os empréstimos da configuração visual dos lábios ocorreriam quando o sinalizante posiciona os lábios no mesmo formato da palavra em português ao sinalizar. Os empréstimos semânticos são aqueles apontados como decalque, como por exemplo, ABRIR OS OLHOS<sup>6</sup> ou DAR COM A LÍNGUA NOS DENTES<sup>7</sup>. Os empréstimos estereotipados referir-se-iam “àqueles termos que se estabelecem na LSB (Língua de Sinais Brasileira) a partir de cópia do formato global de um objeto, de um símbolo gráfico convencionalizado, aceito e socialmente utilizado pelos falantes das diversas culturas” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 68), como sinais matemáticos e os sinais de pontuação. Por fim, os empréstimos cruzados emergiriam da “semelhança visual entre palavras homógrafas ou parônimas” da Língua Portuguesa (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 69), como por exemplo o sinal de EDUARDO PAES, político do Rio de Janeiro, constituído pelo sinal de PÃO<sup>8</sup>, cujo plural é pães ou o sinal do município de MESQUITA (RJ), constituída pelo sinal de MOSQUITO<sup>9</sup>. Na tabela 2 deste artigo podemos observar um esquema comparativo dos tipos de empréstimos em Libras levantados por Ferreira (2010 [1995]); Faria-Nascimento (2009) e por este autor a partir do nosso *corpus* de análise.

Após realizar esse levantamento sobre tipos lexicais da Libras na literatura linguística, como nosso interesse é analisar a influência de línguas orais sobre o léxico de uma língua de sinais, optamos por investigar vocábulos contidos em um dicionário de Libras. Isso poderia ser justificado pois “os dicionários sendo responsáveis pelo registro das ocorrências que permanecem na língua, só podem efetuar este registro muito tempo depois de as palavras estarem sendo usadas” (BASÍLIO, 2019 [2004], p. 13). Eles registram, assim, palavras ou sinais que estão em uso e são reconhecidos pelas comunidades de falantes e sinalizantes. Ao trabalhar com dicionários, entretanto, não somos ingênuos de acreditar no mito de que são completos e infalíveis ou ainda que representam o funcionamento da língua. Reconhecemos apenas o seu importante papel, enquanto instrumento linguístico e arquivo de palavras ou sinais utilizados por uma língua. Para Polguère (2018 [2016], p. 240), o dicionário é um “modelo do léxico de uma língua que oferece uma descrição de cada lexia, segundo um padrão relativamente rígido”, mas não exausto e infalível.

Adotamos, dessa maneira, como fonte para coleta de dados o “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil” (2017), de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins, porque além de ser, atualmente o dicionário de Libras com o maior número de entradas – mais de 13 mil – contém regionalismos, variações e outras informações pertinentes sobre a etimologia e a morfologia dos sinais. Depois dessa escolha, ainda que parecesse um trabalho hercúleo, decidimos considerar em nossa análise uma quantidade significativa de entradas sequenciais no dicionário, ao invés de selecionar apenas verbetes relacionados a um campo semântico específico, o que poderia enviesar nossas observações.

Acabamos analisando, dessa maneira, todos os sinais do primeiro volume do dicionário que compreende verbetes com letras de A a D, totalizando 4.607 entradas<sup>10</sup> em português. Esses vocábulos

<sup>5</sup> [Soletrar A, L, H, O de forma rítmica, com a letra O realizada com a palma da mão para cima] (elaborada pelo autor). Esse sinal de ALHO ao ser finalizado dessa forma, com a palma da mão para cima, se aproxima iconicamente a uma cabeça de alho. A soletração rítmica, assim, neste caso, não apenas favoreceria o surgimento de um “novo sinal”, como também utilizaria a iconicidade para isso.

<sup>6</sup> [Mãos em A, palmas para frente a cada lado dos olhos; abri-las em L, arregalando os olhos] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 68).

<sup>7</sup> [Mãos abertas, dedos separados, palmas para baixo, dedos apontados uns para os outros, diante da boca; mover as mãos para frente e para os lados opostos, balançando os dedos, com a boca semiaberta e a língua para fora] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 850).

<sup>8</sup> [Mão em A, palma para frente, polegar tocando o canto direito da boca; girar a palma para trás] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 2083).

<sup>9</sup> [Mão em V, palma para frente, tocando o centro da testa, balançar alternadamente os dedos indicador e médio] (elaborada pelo autor).

<sup>10</sup> Cabe ressaltar que, para esta pesquisa, consideramos o número de vocábulos em português e não o número de sinais, que consequentemente é menor, pois algumas dessas entradas constituem-se em sinônimos no português de um mesmo sinal

são compostos também por traduções em Libras e uma imagem concernente ao conceito, abarcando diversos campos semânticos com vocábulos lexicais e gramaticais.

## 1 Categorizações lexicais quanto à origem dos sinais em Libras

Após analisar as diversas entradas uma a uma, construir e organizar um banco de dados, chegamos à conclusão de ser possível classificar os sinais de acordo com quatro categorias: a) com iconicidade; b) aparentemente arbitrários; c) empréstimos de línguas orais e d) dêiticos e de apontamento. Alguns sinais, entretanto, foram inseridos em dois ou até três grupos, sobretudo sinais compostos como o sinal de BANCO BRADESCO, formado pelo sinal aparentemente arbitrário de BANCO<sup>11</sup> e pelo sinal de base icônica BRADESCO<sup>12</sup>.

De acordo com nossa análise, os 4.607 verbetes do primeiro volume do “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil” (2017) podem ser classificadas, conforme demonstra a tabela:

**Tabela 1: Categorizações lexicais quanto à origem dos sinais**

Categoria do sinal	Quantidade de entradas	Percentual <sup>13</sup>
Com iconicidade	2.805	60,88%
Aparentemente arbitrário	1.630	35,38%
Dêiticos e de apontamento	185	4,01%
Empréstimos de línguas orais	595	12,91%
Total	4.607	100%

*Fonte: Elaborada pelo autor.*

De imediato, chama-nos atenção a grande quantidade de sinais de base icônica, ou seja, aqueles em que se identifica uma relação com certa exatidão entre o significante e o referente.

Durante muitos anos as línguas de sinais não foram consideradas línguas por causa de sua iconicidade que contrariava os estudos de Saussure (2006 [1916], p. 81-84) de que as línguas eram compostas por signos não motivados. Posteriormente, observamos nos estudos das línguas de sinais dois movimentos complementares que contestavam tais afirmações, um no sentido de mostrar que as línguas não são tão icônicas como se acreditava e outro em reconhecer a iconicidade como uma possibilidade linguística.

Klima e Bellugi (1979) ao apresentar alguns sinais da ASL, em um experimento, para alguns ouvintes, concluíram que a grande maioria de informantes não compreendia os seus significados. Os autores também compararam sinais para os mesmos referentes em línguas de sinais distintas e perceberam que em alguns casos não havia coincidência.

Desse modo, apesar de encontrarmos relações icônicas entre sinais e seus referentes, eles também apresentam uma certa arbitrariedade na forma de representar, seja pelos aspectos de como aquela cultura enxerga ou concebe o referente, seja na escolha da parte ou característica a ser representada, o que influencia diretamente na seleção dos parâmetros linguísticos. O que estamos tentando mostrar é que embora se reconheça, traços de iconicidade em muitos sinais, cada referente

---

em Libras, como por exemplo, um dos verbetes para ACEITAR e outro para ADMITIR que apresentam o mesmo sinal em Libras [Mão vertical aberta, palma para trás, dedos separados na altura do ombro; baixar a mão, fechando-a em S horizontal, palma para cima] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 79 e 105).

<sup>11</sup> [Mão aberta, palma para baixo, dedos para a esquerda; bater as pontas dos dedos no lado direito do pescoço, duas vezes] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 366).

<sup>12</sup> [Mão em L horizontal, palma para frente, dedo indicador apontando para a direita; movê-la para baixo em um movimento ondulatório, unindo as pontas dos dedos] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 366).

<sup>13</sup> Cabe lembrar que o somatório dos percentuais não apresenta 100%, justamente porque alguns sinais podem ser classificados de dois ou mais categorias.

pode ser representado de diversas formas não coincidentes entre si<sup>14</sup>. Isso pode ser notado, inclusive, entre variedades de uma mesma língua de sinais como a Libras, ou em diferentes línguas de sinais como, por exemplo, o sinal para COELHO, de bases icônicas distintas na ASL<sup>15</sup>, na língua chinesa de sinais<sup>16</sup> e na Libras<sup>17</sup> (EUROPEAN, 2018). Assim, se há um grau de motivação, há também um grau de convencionalidade em cada sinal.

Costa (2012, p. 35) afirma que já há o “entendimento de que arbitrariedade e iconicidade não são conceitos opostos, mas devem ser entendidos como se fossem um contínuo: alguns sinais são mais icônicos e menos arbitrários, outros mais arbitrários e menos icônicos”. Ou seja, reconheceu-se a importância da motivação na formação do léxico das línguas visuoespaciais e sua relação simultânea com a arbitrariedade.

Dando sequência às considerações sobre o estudo da iconicidade, como mencionamos, paralelamente a esse movimento de constatação da convencionalidade nas línguas de sinais, houve um movimento de reconhecimento da motivação nas línguas de forma geral. Passou-se, então, a perceber que traços icônicos não fariam de uma língua de sinais uma não-língua, afinal seria previsível que nas línguas visuoespaciais a iconicidade estivesse mais presente. Isso ocorreria, justamente pelo “fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas quando constituem suas estruturas através de sequências sonoras, que basicamente se transmitem temporalmente” (FERREIRA-BRITO, 1997, p. 20). Desse modo, percebeu-se que é mais comum um referente ter forma a ser apreendida por uma língua visuoespacial, do que emitir um som a ser capturado iconicamente por uma língua oral-auditiva.

Conjuntamente a isso, ampliaram-se os estudos sobre a iconicidade em línguas orais para além das onomatopeias já identificadas por Saussure (2006 [1916], p. 83). Estudos de Berlin e Hays (apud GUEDES FILHO; XAVIER, 2020, p. 182) ao comparar nomes de animais em diferentes línguas europeias, sul-americanas e papuásias identificaram tendências de utilizar consoantes líquidas [r] e [l] e velares [g], [k] e [x] para designar anfíbios nessas diferentes regiões, bem como a utilização de sons de alta frequência para denominar aves e sons de baixa frequência para peixes. Dessa maneira, isso poderia ser considerado um pequeno resquício de iconicidade na designação de animais em línguas orais.

Todos esses estudos colocam foco na iconicidade e destacam a sua importância para os estudos de linguagem. Para Hill et alii (2019, p. 34), dessa maneira, “uma vez que agora está linguisticamente estabelecido sem dúvida que as línguas de sinais são linguagens totalmente naturais, explorar a não-arbitrariedade não é mais visto como uma ameaça. Com esse novo ponto de vista, fica claro que a iconicidade prevalece nas línguas de sinais” (tradução nossa) e acrescentaríamos, enquanto a arbitrariedade prevalece nas línguas orais.

A iconicidade, assim, nas línguas visuoespaciais, seria a base da sua construção lexical e merece ser tema de diversas pesquisas dos Estudos Surdos. A iconicidade, por exemplo, é tão fundamental e produtiva em Libras que são de base icônica muitos sinais próprios para designar pessoas e instituições como bancos, universidades, empresas e associações, criados, respectivamente, a partir de características físicas dos indivíduos e a partir de logos ou marcas.

Retornando ao nosso *corpus*, percebemos que sinais com iconicidade são os de maior quantidade em Libras, cerca de 61% do total de entradas. Essa alta incidência de sinais com iconicidade na Libras, identificada neste estudo, diferentemente de outros, está relacionada também a uma série de fatores

<sup>14</sup> Isso também acontece com as línguas orais e pode ser verificado por meio da investigação das palavras que designam o pássaro *Pitangus sulphuratus*, no Brasil *bem-te-vi* e na Colômbia, *crístofué*, ambos léxicos de base icônica criados a partir do canto do animal.

<sup>15</sup> [Mãos na vertical, dedos mínimos e anelares fechados, palma para trás, enganchar os dois dedos polegares; balançar os dedos indicadores e médios unidos em cada mão para trás] (elaborada pelo autor).

<sup>16</sup> [Mão esquerda horizontal aberta, palma para baixo, parada; mão direita horizontal, palma para baixo, pontas dos dedos polegar, anelar e médio unidas, dedos indicador e mínimo abertos; balançar para cima e para baixo, quatro vezes, apoiando na mão esquerda] (elaborada pelo autor).

<sup>17</sup> [Mão em U, palma para trás, tocando a lateral da cabeça; balançar os dedos para baixo e para cima, duas vezes] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 698).

como o grau de conhecimento da língua de sinais do sujeito que categorizou, bem como o seu conhecimento sobre o referente e suas características<sup>18</sup> ou mesmo o estímulo dado a esse sujeito<sup>19</sup>.

Neste estudo, o autor é ouvinte sinalizante de Libras como L2, apresenta certo conhecimento enciclopédico sobre os referentes<sup>20</sup> e o *corpus* explorado, um dicionário com sinais de Libras analisados e classificados a partir de entradas em português, fornece amplo grau de admissibilidade (CAPOVILLA; MARTINS, 2020). Ou seja, durante nossa análise, ocorre um movimento de leitura que vai do português => sinal em Libras => referente já identificado pelo português e não um movimento do sinal em Libras => referente a ser identificado. Estaríamos, assim, neste estudo identificando a iconicidade nos sinais por meio da admissibilidade de um sujeito sinalizante.

Assim sendo, reparamos que na Libras é extensa a quantidade de sinais icônicos que remetem a ações realizadas; a formas de objetos, de seres vivos e de personagens fictícios; a gestos e expressões de sentimentos e sensações<sup>21</sup>, além de alguns terem efeitos metafórico e metonímico. Como exemplos de léxicos que remetem a ações temos os sinais de ABENÇOAR<sup>22</sup> e de BOXE<sup>23</sup>. Como exemplos dos que remetem a expressão de sentimentos e sensações temos os sinais de ABORRECIDO<sup>24</sup> e AFOBADO<sup>25</sup>. Já exemplificando sinais icônicos da forma de objetos e seres vivos, temos aqueles por transfiguração, quando o sinalizante utiliza pontos de articulação na cabeça e no tronco, como se tornasse o próprio referente, como os sinais de ALCE<sup>26</sup>, ALBERT EINSTEIN<sup>27</sup> e BOY (office-boy)<sup>28</sup> ou por projeção quando o sinalizante utiliza o espaço neutro como ponto de articulação para produzir

---

<sup>18</sup> O mesmo acontece com línguas orais, ainda que com menor quantidade de vocábulos identificavelmente icônicos. Por exemplo, para que o sujeito falante reconheça que a palavra “bem-te-vi” é icônica e faz referência ao som produzido por um pássaro, é necessário que ela conheça o som que o pássaro produz.

<sup>19</sup> Capovilla e Martins (2020) nos mostram, por exemplo, em um recente estudo sobre a Libras que a iconicidade não é tão percebida quando são apresentados a sujeitos não sinalizantes apenas o sinal, o que eles chamam de adivinhabilidade. Por outro lado, a identificação da iconicidade aumenta significativamente, quando é fornecido junto ao sinal um estímulo, como, por exemplo, a sua tradução em português, o que eles chamaram de admissibilidade. Concluíram, portanto, que a admissibilidade da iconicidade no sinal é consideravelmente maior e condição para a sua adivinhabilidade.

<sup>20</sup> O dicionário de Capovilla et alii (2017) que serviu como fonte para coleta do nosso *corpus* aponta a iconicidade em alguns sinais. Contudo, como classificamos, de acordo com o nosso conhecimento enciclopédico e encontramos muitos mais sinais de base icônica daqueles apresentados pelos autores e uma pequena minoria dos que eles expõem com marcas de iconicidade não foram consideradas por nós.

<sup>21</sup> Consideramos também como icônicos gestos e expressões compartilhados entre as culturas Surda(s) e ouvinte(s) brasileiras, justamente por conviverem no mesmo espaço geográfico e estarem em constante interação. Felipe (2006, p. 26) chama esse processo de formação de sinais de processo mimético ou icônico e considera “altamente produtivo, permitindo uma economia, já que expressões faciais e corporais podem complementar os itens lexicais estabelecendo contextos discursivos uma vez que essas se estruturam a partir das convenções da língua”.

<sup>22</sup> [Mão em O, palma para a esquerda, acima do lado direito da cabeça; mover a mão em direção a cabeça, abrindo-a] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 57).

<sup>23</sup> [Mãos em S horizontal, palma a palma; movê-las alternadamente em pequenos arcos para frente, inclinando o corpo para trás] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 455).

<sup>24</sup> [Mãos em C horizontal, palmas para cima, lado a lado, mão apontando uma para a outra, tocando o peito; movê-las rapidamente para baixo, fechando-as em S, com expressão facial] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 62).

<sup>25</sup> [Mãos abertas, palmas para trás, dedos separados, diante dos ombros; balançar as mãos para cima e para baixo, com expressão facial] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 119).

<sup>26</sup> [Mãos verticais abertas, palmas para frente, dedos separados, polegares tocando cada lado da testa] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 144).

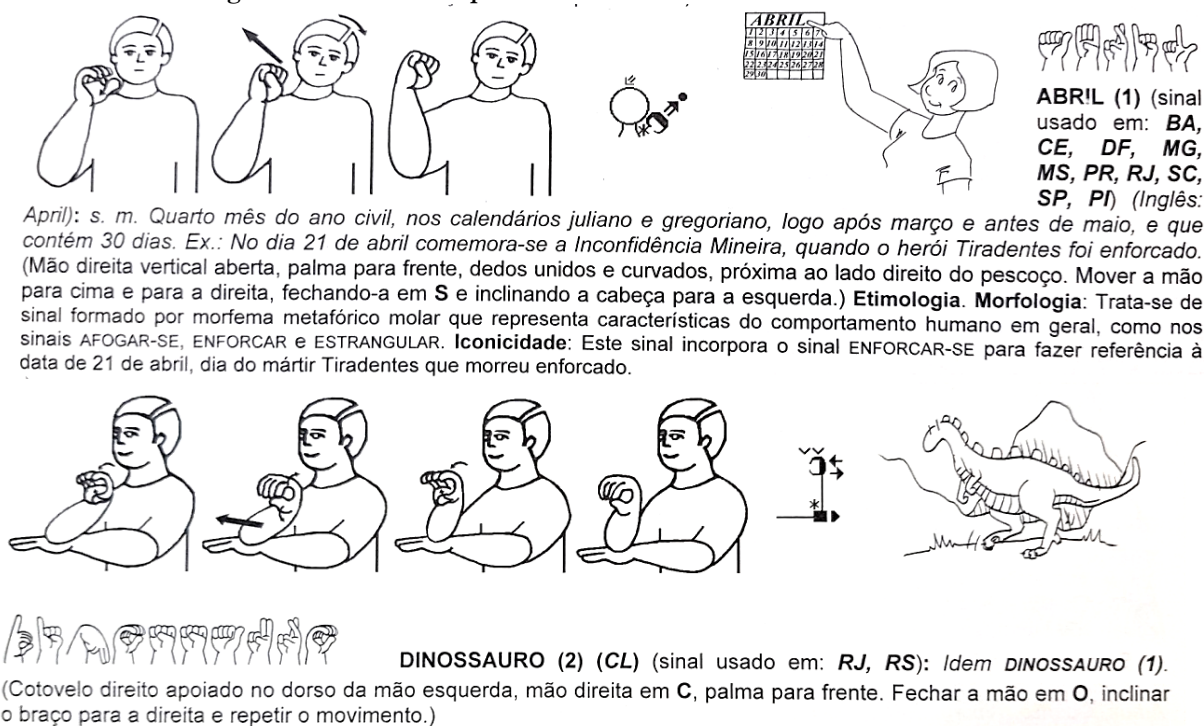
<sup>27</sup> [Mão direita horizontal fechada, palma para cima, dedos indicador e polegar distendidos e paralelos, diante da boca, mover a mão para baixo enquanto coloca a língua para fora] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 142).

<sup>28</sup> [Mão horizontal com pontas dos dedos unidas, palma para trás, colocar a ponta dos dedos sob a axila] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 456).

vocábulos como os de AVESTRUZ<sup>29</sup>, de AVIÃO<sup>30</sup> e de ATMOSFERA<sup>31 32</sup>. Como exemplos de sinais com iconicidade a partir de metáforas temos os sinais de ABRIL<sup>33</sup>, que remete ao enforcamento de Tiradentes; o sinal de DEZEMBRO<sup>34</sup>, que remete ao Papai Noel ou ainda o sinal de ALBÂNIA<sup>35</sup>, que remete à águia de duas cabeças em sua bandeira nacional para remeter a todo país. Por fim, como exemplo de sinais icônicos metonímicos temos os sinais de BALEIA<sup>36</sup> e de BOI<sup>37</sup>.

Reproduzimos, a seguir, dois exemplos de sinais de base icônica classificados por nós.

Figuras 2 e 3: Entradas para ABRIL e DINOSSAURO no dicionário



Fonte: Capovilla et alii, 2017, p. 66 e 968.

<sup>29</sup> [Mão esquerda em C horizontal, palma para a direita; mão direita vertical fechada, palma para frente, polegar e indicador unidos nas pontas; separar e unir os dedos indicador e polegar e então colocar os dedos direitos dentro do C esquerdo] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 332).

<sup>30</sup> [Mão em Y, palma para frente, inclinada para baixo; movê-la diagonalmente para cima e para esquerda] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 332).

<sup>31</sup> [Mão esquerda em O, palma para a direita; mão direita aberta, palma para baixo acima da mão esquerda; mover a mão direita para frente e para trás] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 310).

<sup>32</sup> Guedes Filho e Xavier (2020) ao analisarem a iconicidade em sinais de animais contidos no dicionário de Capovilla et alii (2017) identificaram que há uma tendência dos sinais de mamíferos e aves serem feitos em Libras, preferencialmente, na região da cabeça, enquanto peixes, anfíbio, répteis e invertebrados são sinalizados, preferencialmente, no espaço neutro e no antebraço não dominante. Eles levantam a hipótese por meio da etnobiologia de que haveria uma distinção entre animais repulsivos (invertebrados, anfíbios, répteis) e animais não repulsivos (aves e mamíferos) feita por diversas comunidades e culturas. De todo modo, haveria, em Libras, animais sinalizados por transfiguração e por projeção.

<sup>33</sup> [Mão direita vertical aberta, palma para frente, dedos unidos e curvados, próxima ao lado direito do pescoço; mover a mão para cima e para a direita, fechando-a em S e inclinando a cabeça para a esquerda] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 66).

<sup>34</sup> [Mão em C, palma para cima, dedos apontando para a esquerda, sob o queixo; baixar a mão até a altura do peito] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 948).

<sup>35</sup> [Mãos horizontais abertas, palmas para trás, polegares entrelaçados; tremular os dedos das mãos] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 141).

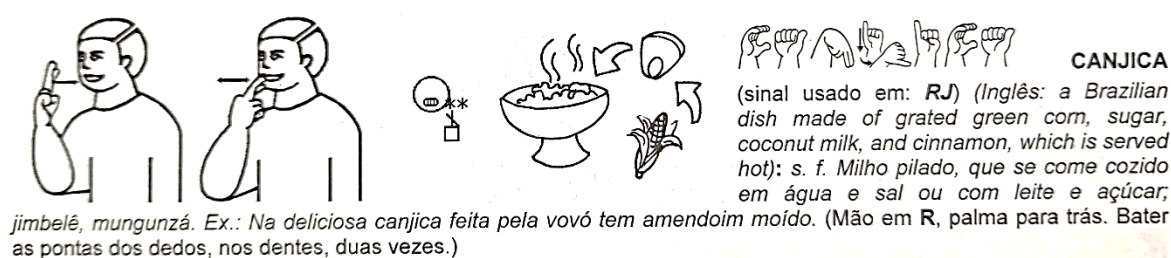
<sup>36</sup> [Mão fechada, palma para cima, dorso da mão tocando a cabeça; movê-la para cima abrindo-a] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 362).

<sup>37</sup> [Mão em Y, palma para baixo, ponta do polegar tocando a têmpora; girar a palma para frente] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 433).



A segunda maior categoria é a de léxicos em que não encontramos motivação entre o significante e seu referente. E justamente por dependerem do conhecimento enciclopédico do sujeito que classifica, decidimos nomeá-los de sinais aparentemente arbitrários. Para Faria (2003, p. 66) “as línguas de sinais têm uma motivação icônica que se perde ao longo do tempo e, portanto, são abstratas como outras línguas”. Tem-se, assim, provavelmente, uma motivação icônica que vai se apagando, até que não consigamos fazer qualquer relação com o referente. Na perspectiva de haver um contínuo entre a iconicidade e a arbitrariedade, Costa (2012, p. 93) vai na mesma direção e afirma que “a arbitrariedade não é a ausência de motivação, mas sim a impossibilidade de se recuperar a motivação de um dado signo linguístico”. Como exemplos de léxicos aparentemente arbitrários encontrados em nosso *corpus*, temos ADOTAR<sup>38</sup>, BRINQUEDO<sup>39</sup>, COSTUME<sup>40</sup> e mais dois deles reproduzidos a seguir:

Figuras 4 e 5: Entradas para CANJICA e CARVÃO no dicionário



Fonte: Capovilla et alii, 2017, p. 547 e 589.

Dando sequência à apresentação de nossa análise, identificamos uma terceira categoria que chamamos de sinais dêicticos e sinais de apontamento. São lexemas em que o referente é apontado por dedos ou pela mão, inclusive, com mais de uma configuração de mão, podendo ainda ter movimento, que ocorre, sobretudo, quando se quer destacar a forma do referente. Esses lexemas representam apenas 4% das entradas e são utilizados em sua maioria para designar pronomes como os sinais de

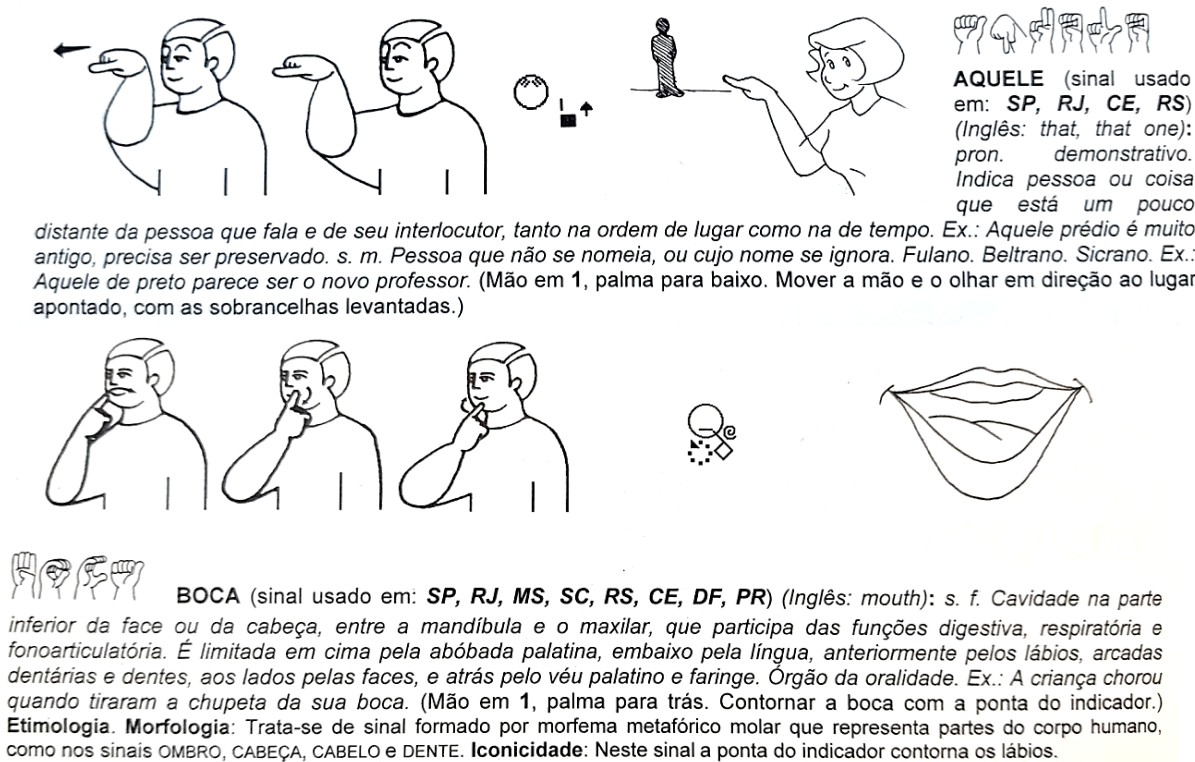
<sup>38</sup> [Mãos em V com polegar distendido, dedos curvados, palma para a esquerda, tocando a face; fechar a mão em S] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 108).

<sup>39</sup> [Mãos em Y, palmas para trás, próximas; movê-las em pequenos círculos verticais para frente (sentido horário) alternadamente] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 467).

<sup>40</sup> [Braço esquerdo distendido com a mão em A, palma para baixo; mão direita horizontal aberta, palma para trás, tocando o ombro esquerdo; passar a mão direita pelo braço esquerdo, virando a palma para cima] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 813).

AQUELE<sup>41</sup> e DELE<sup>42</sup>, advérbios de lugar como os sinais de ALI<sup>43</sup> e AQUI<sup>44</sup> e para designar partes do corpo humano como os sinais de COTOVELO<sup>45</sup> ou COXA<sup>46</sup>. Dois desses reproduzidos aqui:

Figuras 6 e 7: Entradas para AQUELE e BOCA no dicionário



Fonte: Capovilla et alii, 2017, p. 250 e 430.

Para nós esses sinais se diferenciam daqueles de base icônica, pois não há uma representação do referente, mas também não se pode dizer que não há uma motivação, já que ocorre um apontamento ao referente. São tipos de sinais já estudados por Moreira (2007) e Lima e Cruz (2018), mas que ainda merecem ser tema de mais pesquisas.

De acordo com Quadro e Karnopp (2004, p. 88) nessas três categorias, com iconicidade, aparentemente arbitrários, dêuticos e de apontamento, estariam o léxico nativo da Libras, que segundo nosso *corpus* englobariam ou atingiriam cerca de 91,9% das entradas. Já os sinais apontados por nós como parte de uma quarta e última categoria estariam na periferia do conjunto de léxicos, os sinais não-nativos que aqui denominamos como empréstimos de línguas orais<sup>47</sup>. São lexemas que apesar de terem

<sup>41</sup> [Mão em 1, palma para baixo; mover a mão e o olhar em direção do lugar apontado, com as sobrancelhas levantadas] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 250).

<sup>42</sup> [Mão em P, palma para baixo, indicador para a esquerda; mover ligeiramente a mão para frente, virando a palma para frente] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 878).

<sup>43</sup> [Mão em 1, palma para baixo, indicador inclinado para baixo; mover a mão diagonalmente para frente e para baixo] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 158).

<sup>44</sup> [Mão em 1, palma para trás, indicador apontando para baixo; mover a mão para baixo] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 250).

<sup>45</sup> [Mão em 1; tocar a ponta do indicador no cotovelo] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 814).

<sup>46</sup> [Tocar a palma da mão na coxa, duas vezes] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 816).

<sup>47</sup> Cabe aqui mencionar que em nossa categorização não apresentamos os empréstimos de línguas de sinais, pois tais sinais estariam classificados essencialmente como icônicos e/ou arbitrários. Do mesmo modo consideramos categorizar o tipo de empréstimos de línguas orais e não apenas do português porque encontramos no dicionário entradas em outra língua oral, o inglês, sobretudo no campo semântico da informática. Nossa classificação, primeiramente, assim, não leva em consideração os léxicos advindos fora da língua, mas sim aqueles de fora da modalidade visual e como são recebidos pela

origem em outras línguas, tornaram-se parte da Libras, adaptados por ela, pois “a tendência dos empréstimos é adotar a fisionomia morfológica e fonológica da língua importadora” (CARVALHO, 1989, p. 37).

Esses sinais com traços de empréstimos corresponderam a quase 600 verbetes ou cerca de 13% das entradas do primeiro volume do dicionário, e ao analisar nosso *corpus*, percebemos que podem ser subdivididos em dois grandes grupos de sinais: datilológicos e inicializados<sup>48</sup>, e um grupo menor de empréstimos semânticos, como também foi observado por Ferreira (2010 [1995], p. 21-24) e Faria-Nascimento (2009, p. 59-70).

Debrucemo-nos, neste momento, sobre esses grupos de empréstimos.

## 2 Empréstimos de línguas orais para a Libras

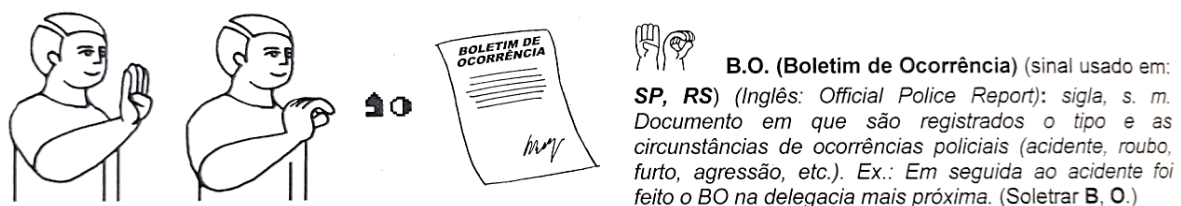
O primeiro grupo de sinais formado por empréstimos são os datilológicos, aqueles que utilizam o alfabeto manual para soletrar palavras de uma língua oral ou abreviações de palavras.

Como sabemos, a datilologia é muito utilizada em línguas de sinais para representar nomes próprios, de pessoas e de lugares, conceitos e referentes ainda sem sinais em língua de sinais ou ainda sinais “desconhecidos de pelo menos um dos interlocutores” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 62), sobretudo em contextos educacionais. A datilologia em si, desse modo, não constitui uma forma de empréstimo (LUCAS; VALLI, 1992, p. 43) mas sim resultaria de uma tentativa de representar visuoespacialmente o sistema ortográfico de uma língua oral.

No entanto, ao observar os verbetes do dicionário, percebemos que existem empréstimos de caráter datilológico que escapam dessas situações de uso. São sinais realizados pela mão dominante em espaço neutro, na região em frente ao ombro, com movimentos de soletração podendo ser representados por todas as letras da palavra, partes ou apenas uma delas.

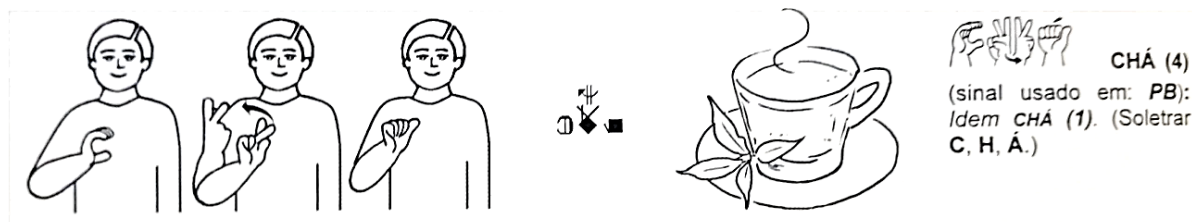
Os sinais datilológicos em nosso *corpus*, em sua maioria, designam referentes com palavras curtas em português, monossílabas ou dissílabas, como os sinais de ATOR, de BAR, de BLOG, de COR (cores), de CUBA, de DIA e abreviações como BH (Belo Horizonte) ou CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), todos soletrados. Correspondem a aproximadamente a 3,6% das entradas do dicionário, um percentual bastante pequeno do léxico da Libras.

Figuras 8 e 9: Entradas para B.O. e CHÁ no dicionário



Libras, uma língua espaço-visual por essência. O que estamos tentando mostrar é que os empréstimos de línguas orais e os de línguas de sinais, embora sejam sempre incorporados visualmente, isso ocorre de forma diferente, prevalecendo a iconicidade e a arbitrariedade para os sinais advindos de outras línguas visuoespaciais e a datilologia e a inicialização para aqueles advindos de línguas orais.

<sup>48</sup> Nossas observações vão ao encontro da pesquisa de Nascimento (2010, p. 34) citando Sofinski quando afirma que “os empréstimos do inglês na ASL podem ser sistematizados em três: canal da boca (*mouth pattern*), empréstimos datilológicos (*lexicalized fingerspelling*) e inicialização (*initialized signs*)”. Como nosso *corpus* é formado por entradas de um dicionário e não por recortes da língua em uso, não foi possível observar se havia influências do português na configuração visual dos lábios como demonstrou Nascimento (2010) ao analisar sinais no dicionário digital do INES.



Fonte: Capovilla et alii, 2017, p. 426 e 632.

Faria-Nascimento (2009, p.62) afirma que os sinais datilológicos, por ela chamados de empréstimos por transliteração “são na maioria dos casos, provisórios, posto que a tendência da língua é preencher a lacuna lexical e terminológica com termos construídos com constituintes, *a priori*, típicos do seu *lexicón*”.

De fato, se analisarmos nosso *corpus*, veremos que muitos desses sinais apresentam variantes não soletradas. Para designar “bar”, por exemplo, temos o sinal de BAR<sup>49</sup>, utilizado em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Paraná, que é soletrado e o sinal de BAR<sup>50</sup>, utilizado em São Paulo, de base icônica. São lexemas, portanto, com variantes concorrentes que futuramente, podem, inclusive, ser substituídos ao longo dos anos por outros de base icônica, confirmando o que Faria-Nascimento (2009) disse.

Entretanto, independentemente de serem nativos ou não-nativos, os empréstimos datilológicos são parte do conjunto de sinais da Libras, constituindo-se como uma importante forma de enriquecimento lexical por meio da passagem de unidades lexicais de uma língua oral para uma de língua de sinais. E nessa passagem, “os empréstimos realizados por meio da datilologia, com o uso, acabam sendo adaptados às características fonológicas (quirêmicas) das línguas de sinais, produzindo, em muitos casos, o apagamento de sua origem externa, não nativa” (RODRIGUES; BAALBAKI, 2014, p. 1109)<sup>51</sup>.

Contudo, desconfiamos que sinais datilológicos de fácil soletração na Libras, advindos de palavras monossílabas em português, tendem a ter certa permanência e ampla difusão entre os sinalizantes na Libras, modificando-se apenas por meio da soletração rítmica.

Já o outro grande grupo de empréstimos de línguas orais na Libras são o de sinais inicializados por letras do português, que adotam a configuração da mão de acordo com a letra inicial representada da palavra em língua oral, alguns com resquícios de iconicidade em parâmetros como ponto de articulação e movimento. São sinais chamados por Ferreira (2010 [1995], p. 22) de inicializados e por Faria-Nascimento (2009, p. 66) de transliteração de letra inicial, que em nosso *corpus* correspondem a 9,4% das entradas do primeiro volume do dicionário, o que torna esse tipo de empréstimos de línguas orais o preferido na Libras.

Diferenciam-se dos sinais datilológicos pois, apesar de utilizarem configurações de mãos que remetem a letras do português, são realizados em outros pontos de articulação e com outros tipos de movimento que não aqueles próprios de soletração.

Nascimento (2010, p. 79-80) afirma que em sua análise de sinais do dicionário digital do INES, o maior campo semântico encontrado entre os empréstimos formados por transliteração de letras inicial é o de lugares. Já em nosso *corpus*, percebemos que são sinais dispersos em diversos campos semânticos em sua grande maioria, substantivos, relacionados a nomes próprios como BARACK OBAMA<sup>52</sup>; a

<sup>49</sup> [Solettrar B, A, R] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 374).

<sup>50</sup> [Mão em A, palma para a esquerda, polegar distendido, diante da boca; inclinar o polegar para trás, aproximando-o da boca] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 375).

<sup>51</sup> Isso também é relatado por Fernandes (2019, p. 8).

<sup>52</sup> [Mão em O horizontal, palma para frente; mover a mão para a direita mudando-a para a mão em B, palma para trás] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 375).

cores como BEGE<sup>53</sup>; a conhecimentos e ciências como a BIOLOGIA<sup>54</sup> e ALGORITMO<sup>55</sup> e a lugares, bairros, cidades, países e continentes como ÁFRICA<sup>56</sup>, CROÁCIA<sup>57</sup> e CARIACICA (ES)<sup>58</sup>. São também sinais que designam referentes abstratos, sem formas, o que dificultaria a criação de um sinal de base icônica como, por exemplo, para entradas de ADVÉRBIO<sup>59</sup> e de DIREITO<sup>60</sup>.

Vale mencionar que não foram considerados nessa categoria aqueles sinais em que a mão coincidentemente assume a mesma configuração da letra inicial da palavra em português que designa o referente, mantendo o seu aspecto icônico, como o sinal de COPO<sup>61</sup>.

Reproduzimos três desses sinais recortados do nosso *corpus*:

Figuras 10, 11 e 12: Entradas para BOLÍVIA, CINZA e DIDÁTICA no dicionário

**BOLÍVIA (1)** (sinal usado em: **SP, RJ, CE, PR, RS**) (Inglês: *Bolivia*), **BOLIVIANO (1)** (Inglês: *Bolivian*): Bolívia: República da América do Sul, cuja capital é La Paz. Sua língua oficial é o Espanhol, e a maioria de sua população é católica. É um dos países mais pobres do mundo. Não tem ligações com o mar. Sua atividade econômica é baseada na exploração de recursos minerais e numa agricultura de subsistência. Ex.: A Bolívia faz fronteira com o Brasil pelos estados de Mato Grosso e Rondônia. Boliviano: adj. m. Pertencente ou relativo à Bolívia. Ex.: Tenho um amigo boliviano. s. m. O habitante ou natural da Bolívia. Ex.: Os bolivianos são nossos vizinhos do oeste, logo ao noroeste do Paraguai. (Mão em B, palma para a esquerda. Girar a palma para trás, duas vezes.)

**CINZA (1)** (*cor*) (sinal usado em: **SP, RJ, MS, MG, DF, PR, SC, BA, RS, CE**) (Inglês: *gray, ash-colored; the color gray*): adj. m. e f. Da cor das cinzas de uma fogueira apagada. Ex.: Comprei uma blusa de cor cinza. s. m. A cor formada de uma mistura de tintas de cor preta e branca. Ex.: O cinza é uma cor discreta e sóbria. (Mão esquerda fechada, palma para baixo, apontando para a direita; mão direita em C, palma para frente, dorso do polegar tocando o dorso da mão esquerda. Mover a mão direita para a esquerda e para a direita sobre o dorso da mão esquerda, duas vezes.)

<sup>53</sup> [Mão em B, palma para frente; mover ligeiramente a mão para a esquerda e para a direita] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 396).

<sup>54</sup> [Mão em B, palma para frente; balançá-la para cima e para baixo] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 417).

<sup>55</sup> [Mão esquerda vertical aberta, palma para frente; mão direita em A, palma para esquerda; tocar duas vezes na palma esquerda, primeiro nos dedos e depois na palma] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 156).

<sup>56</sup> [Mão em A, palma para frente; distender os dedos indicador e polegar e mover a mão para baixo, com pequenos movimentos ondulatórios, finalizando com a ponta dos dedos tocando-se pelas pontas] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 121).

<sup>57</sup> [Mão em C, palma para a esquerda, diante da boca; movê-la em pequenos círculos verticais para a esquerda no sentido anti-horário] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 829).

<sup>58</sup> [Mão em C, palma para a esquerda; tremular a mão] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 566).

<sup>59</sup> [Mão esquerda em V, palma para frente; mão direita em A vertical, palma para frente; tocar a lateral do polegar direito na ponta do indicador esquerdo, duas vezes] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 110).

<sup>60</sup> [Mão em D, palma para baixo, indicador apontando para a esquerda, próximo à bochecha direita inflada; mover a mão em pequenos círculos verticais para frente, no sentido horário] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 969).

<sup>61</sup> [Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita em C horizontal, palma para a esquerda, acima da mão esquerda; baixar várias vezes a mão direita, tocando a palma esquerda] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 784).



**DIDÁTICA (1)** (sinal usado no curso **Letras-Libras - UFSC, RS**) (Inglês: didacticism, didactics, the art of teaching): s. f. Arte de ensinar. O procedimento

pelo qual o mundo da experiência e da cultura é transmitido pelo educador ao educando, nas escolas ou em obras especializadas. Conjunto de teorias e técnicas relativas à transmissão do conhecimento. Ex.: É preciso didática para ensinar bem. (Mãos em D, palma a palma. Aproximá-las até que se toquem, duas vezes.)

Fonte: Capovilla et alii, 2017, p. 439, 673 e 962.

Por fim, em nosso *corpus* de análise, encontramos também empréstimos semânticos da Língua Portuguesa, ainda que de forma residual, apenas 0,5% das entradas. São decalques, empréstimos baseados, por exemplo, na literalidade do português como ARACAJU<sup>62</sup> a partir do sinal de arara; BAIRRO PARADA INGLESA (São Paulo, SP)<sup>63</sup>, a partir do sinal de Inglaterra; BOLSA DE ESTUDOS<sup>64</sup>, a partir dos sinais de bolsa e de estudar; CACHOEIRA DO SUL<sup>65</sup>, a partir dos sinais de cachoeira e sul; muitos deles, inclusive, denominando lugares, provavelmente pelo desconhecimento ou falta de uma referência visual para o lugar que inspire uma formação icônica para o sinal.

Levando em conta, dessa forma, as considerações de Ferreira (2010 [1995]) e Faria-Nascimento (2009) sobre empréstimos para Libras e nosso *corpus* de análise apresentamos o seguinte quadro comparativo:

**Tabela 2: Tipos de empréstimos em Libras**

Ferreira (2010 [1995])	Faria-Nascimento (2009)	Autor deste artigo
Empréstimos lexicais	Empréstimos por transliteração Transliteração pragmática Transliteração lexicalizada	Empréstimos datilológicos
Inicialização	Empréstimos por transliteração de letra inicial	Empréstimos por inicialização
Empréstimos de itens lexicais de outras línguas de sinais		
Empréstimos de domínio semântico		Empréstimos semânticos
	Empréstimos semânticos (decalques)	
Empréstimos de ordem fonética	Empréstimos da configuração visual dos lábios	
	Empréstimos estereotipados	
	Empréstimos cruzados	

Fonte: Adaptado a partir de Nascimento (2010, p. 41).

Já buscando representar visualmente as categorias lexicais em Libras de acordo com a origem dos sinais e levando em consideração a interação entre esses campos de origem não opostos que faz

<sup>62</sup> [Mão fechada, palma para frente, dedos indicador e polegar distendidos, indicador curvado; dorso da mão tocando o nariz] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 254).

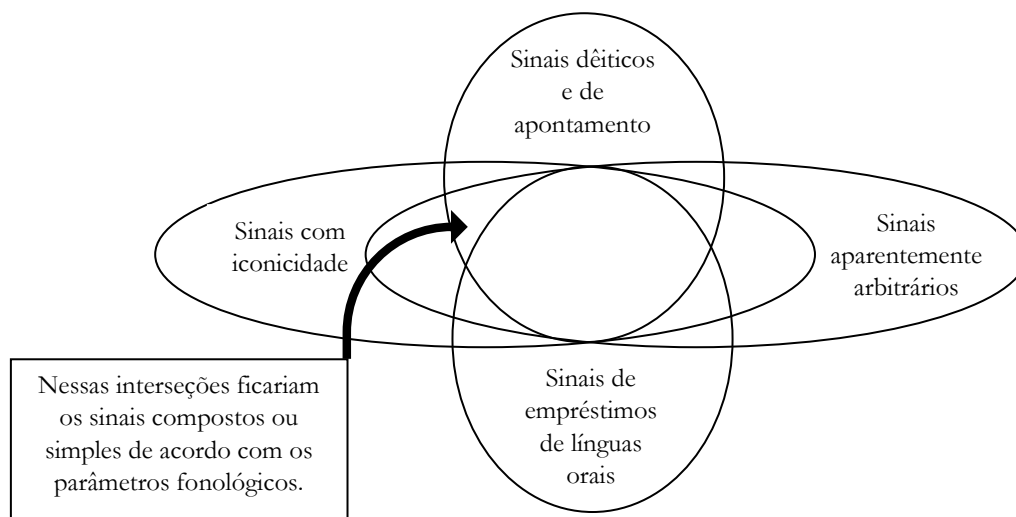
<sup>63</sup> [Mão horizontal fechada, palma para trás, dedos indicador e polegar curvados; tocar as pontas dos dedos no queixo, duas vezes] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 351).

<sup>64</sup> [Mão horizontal fechada, palma para trás, polegar distendido; passar a ponta do polegar para baixo, do ombro até a cintura; em seguida, mãos abertas, palmas para cima, bater duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 440).

<sup>65</sup> [Mão esquerda aberta, palma para baixo, dedos apontando para direita; mão direita aberta, palma para baixo, dedos apontando para frente, tocando o dorso da mão esquerda; mover a mão direita para baixo, oscilando os dedos; em seguida, mão em S, palma para frente, mover a mão para baixo] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 495).

com que os sinais possam se enquadrar em mais de uma categoria, como já mencionado, pensamos que a melhor forma seria a seguinte:

**Figura 13: Tipos de léxicos na Libras de acordo com a origem dos sinais**



Fonte: elaborada pelo autor.

Nessas interseções estariam 416 sinais (9% do nosso *corpus*), como por exemplo, os sinais de COLÉGIO<sup>66</sup>, composto, formado pelo sinal icônico de CASA e pelo sinal aparentemente arbitrário de ESTUDAR; ou o de AUDIOMETRIA<sup>67</sup>, formado por apontamento e pela iconicidade; ou ainda o sinal de BUQUÊ<sup>68</sup>, formado por meio de empréstimo do português, com um sinal inicializado, e pela iconicidade.

### Considerações Finais

Classificamos os sinais relativos aos verbetes do primeiro volume do dicionário de Capovilla et alii (2017) em quatro categorias quanto as suas origens: a) com iconicidade; b) aparentemente arbitrários; c) empréstimos de línguas orais e d) dêiticos e de apontamento.

Após nossa análise, percebemos que das 4.607 entradas, a maioria, cerca de 61% tem base icônica na Libras e apenas 13% tem influências do português. Desse modo, a Libras como uma língua visuoespacial tem a maior parte de seus sinais icônicos, diferentemente de línguas orais-auditivas.

Da pequena minoria advinda de empréstimos de línguas orais – classificados por nós como datilológicos, inicializados e semânticos – muitos encontram correspondentes regionais e locais icônicos e arbitrários podendo ser substituídos em um futuro próximo e outros, sofrem consideráveis modificações fonológicas a partir da soletração rítmica, podendo não ser mais identificada no futuro a sua origem datilológica.

Cabe registrar também a necessidade de mais estudos sobre o léxico da Libras, inclusive a de investigar os demais volumes do dicionário de Capovilla et alii (2017) para verificar se as nossas

<sup>66</sup> [Fazer sinal de CASA: Mãos verticais abertas, palma a palma, dedos inclinados uns para outros. Tocar as mãos pelas pontas dos dedos. Seguido deste sinal ESTUDAR: Mãos abertas, palmas para cima. Bater duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 705).

<sup>67</sup> [Mão em 1, palma para a esquerda, ponta do dedo indicador tocando o ouvido. Em seguida, mão em X, palma para frente. Movê-las para direita, com movimentos ondulatórios] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 318).

<sup>68</sup> [Mão em F, palma para a esquerda, diante do nariz. Mover a mão em pequenos círculos verticais para frente (sentido horário), passando a lateral do indicador na ponta do nariz. Em seguida, mão esquerda em C, palma para cima. Mão direita vertical aberta, palma para a direita, inclinada para cima, acima e à esquerda da mão esquerda. Mover a mão direita para baixo por dentro do C esquerdo, oscilando os dedos] (CAPOVILLA et alii, 2017, p. 477).

conclusões se mantêm a partir dos olhares de outros pesquisadores, com outros conhecimentos enciclopédicos e sob outras condições.

Consideramos, destarte, a Libras uma língua de resistência, pois resistiu e ainda resiste à dominação do português, seja, no passado, por meio de décadas de imposição da ideologia ouvintista, seja, atualmente, por meio do (pre)domínio da Língua Portuguesa em quase todos os espaços linguísticos no Brasil. E como toda língua de resistência, a Libras ressignifica a língua dominante, absorvendo-a e transformando-a em outros sentidos que não aqueles vivenciados pela(s) comunidade(s) ouvinte(s), mas pela(s) Comunidade(s) Surda(s), em um processo semelhante ao de descolonização linguística.

### Referências Bibliográficas

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2019 [2004].

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 22 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BRITO, Fábio B. **Movimento social surdo e luta pelo reconhecimento da língua brasileira de sinais**. Curitiba: CRV, 2021.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A constituição histórica da língua de sinais brasileira: Século XVIII a XXI. In: **Revista Mundo & Letras**, v. 2, São Paulo: José Bonifácio, 2011. Disponível em: <https://independent.academia.edu/AnaReginaCampello>. Acesso em: 25 nov. 2021.

CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D.; MARTINS, A. C.; TEMOTEO, Janice G. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. São Paulo: Editora da USP, 2017.

CAPOVILLA, Fernando C.; MARTINS, Antonielle C. Resolvendo o paradoxo da iconicidade: o caso dos sinais de Libras. In: **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 114, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-84862020000300002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862020000300002). Acesso em: 30 nov. 2021.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

COSTA, Victor Hugo Sepulveda. **Iconicidade e produtividade na Língua Brasileira de Sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

DINIZ, Heloíse G. **A história da língua de sinais dos surdos brasileiros**. Petrópolis: Arara Azul, 2011.

EUROPEAN Sign Language Center. **Spread the sign**, 2018. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/>. Acesso em: 28 nov. 2021.



FARIA, Sandra Patrícia de. **A metáfora da LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2003.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **Representações lexicais da LSB: uma proposta lexicográfica**. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2009.

FELIPE, Tanya A. Os processos de formação de palavra na Libras. In: **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>. Acesso em: 22 nov. 2021.

FERNANDES, Leandro A. Empréstimo linguístico na Libras: lematização de sinais puramente datilológicos no dicionário novo Deit-Libras. In: **Revista (Entre Parênteses)**, n. 8, v. 1, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/843>. Acesso em: 22 nov. 2021.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995].

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: BRASIL. Secretaria de Educação Especial. Educação Especial: **Língua Brasileira de Sinais**, v. III, Série Atualidades Pedagógicas 4. Brasília: SEESP, 1997.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GUEDES FILHO, Renato; XAVIER, André Nogueira. Iconicidade no vocabulário zoológico da Libras. In: **Revista Porto das Letras**, v. 6, n. 6, 2020. Disponível: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11438/18302>. Acesso em: 30 nov. 2021.

HILL, Joseph C.; LILLO-MARTIN, Diane C.; WOOD, Sandra K. **Sign Languages: structures and contexts**. Nova York: Routledge, 2019.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula (1979). **The signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LIMA, Ediane S.; CRUZ, Ronald T. O fenômeno dêitico e o processo de flexão (pro)nominal na Libras. In: **Domínios de Lingu@agem**, v. 12, n. 3, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DL35-v12n3a2018-12>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LUCAS, Ceil; VALLI, Claytoni. **Language contact in the American Deaf community**. San Diego: Academic Press, 1992.

MACHADO, Rodrigo N.; QUADROS, Ronice M. Contato linguístico em Libras: um estudo descritivo da influência de outras línguas de sinais na Libras. In: **Revista Linguística**, v. 16, n. 3, 2020. Disponível: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n3a33484>. Acesso em: 05 nov. 2021.

MARQUES, Janice G. T.; CANTARELLI, Antonielle. A influência da Língua de Sinais Francesa (LSF) na Língua de Sinais Brasileira (Libras): Estudo Baseado em Metalexicografia Comparativa. In: **Revista**

**Porto das Letras**, v. 6, nº 6, 2020. Disponível: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10197>. Acesso em: 22 nov. 2021.

MOREIRA, Renata L. **Uma descrição da dêixis de pessoa na Língua de Sinais Brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores**. Dissertação (Mestrado em Linguística). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2007.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira LSB: línguas em contato**, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, 2010.

OLIVEIRA-SILVA, Claudney M.; CHAVEIRO, Neuma. A influência da língua portuguesa na produção da Libras na perspectiva de translíngua. In: **Revista Sinalizar**, v. 2, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/rs.v2i2.36080>>. Acesso em: 08 set. 2021.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**. São Paulo: Contexto, 2018 [2016].

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de Sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Isabel C.; BAALBAKI, Angela C. F. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 14 (4), 2014. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982014005000021>. Acesso em: 08 set. 2021.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SOUZA, Tania Conceição Clemente. **Línguas indígenas, silenciamento e identidade**. Mimeo: Rio de Janeiro, sem data.

Submetido em 12/01/2023

Aceito em 23/02/2023